

Olhos D'Água de Conceição Evaristo e o Feminismo decolonial

Olhos D'Água de Conceição Evaristo and Decolonial Feminism

Esdra Basílio,¹ UFG

Resumo

Neste artigo, visamos analisar o quinto conto que compõe a obra *Olhos d'água*, da escritora Conceição Evaristo intitulado *Quantos filhos Natalina teve?*, sob o prisma do feminismo decolonial e da colonialidade de gênero. Nosso olhar aqui se volta sobre as relações de gênero e as emoções e subjetividades, a partir da personagem principal deste conto Natalina, momento quando refletimos sobre os entrecruzamentos da literatura produzida por Conceição Evaristo e do feminismo decolonial como força motriz para a promoção das escritoras negras da margem para o centro. Buscamos, ainda, evidenciar a potência da literatura produzida por Conceição Evaristo, que se utiliza da prática da escrevivência. Conceição Evaristo é uma escritora de grande destaque no cenário literário na contemporaneidade.

Palavras- Chave: Feminismos; Conceição Evaristo; Olhos D'Água.

Abstract

In this article, we aim to analyze the fifth short story that composes the work *Olhos d'água*, by the writer Conceição Evaristo entitled *How many children did Natalina have?*, under the prism of decolonial feminism and gender coloniality. Our look here turns to gender relations and emotions and subjectivities, from the main character of this story – Natalina -, when we reflect on the intersections of literature produced by Conceição Evaristo and the decolonial feminism as a driving force for the promotion of black women writers from the margin to the center. We also seek to highlight the power of the literature produced by Conceição Evaristo, who uses the practice of writing. She is a prominent writer in the contemporary literary scene.

Keywords: Feminism; Conceição Evaristo; Olhos D'Água.

Neste artigo, visamos analisar o quinto conto que compõe a obra *Olhos d'água*, da escritora Conceição Evaristo,² intitulado *Quantos filhos Natalina teve?*, sob o prisma do feminismo decolonial³ e da colonialidade de gênero, com o olhar focado sobre as relações de

¹ Aluna no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Bibliotecária-Documentalista na Universidade Federal de Goiás e membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero (GEPEG/UFG).

² Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Informações bibliográficas retiradas do portal da literatura afro-brasileira- literafro. (EVARISTO, 2009)

³ “Feminismo é um compromisso ético, político, teórico e prático com a transformação da sociedade a partir de uma perspectiva antirracista, antissexista, antilesbofóbica, anti-homofóbica, antitransfóbica anticapitalista”. (2019, p. 11). Essa definição sobre o feminismo foi escrita pela Claudia Pons Cardoso, que é ativista e professora da Universidade do Estado da Bahia.

gênero, as emoções e subjetividades, a partir da personagem principal deste conto Natalina. Buscamos refletir sobre os entrecruzamentos da literatura produzida por Conceição Evaristo e do feminismo decolonial como força motriz para a promoção das escritoras negras da margem para o centro,⁴ bem como evidenciar a potência da literatura produzida por Conceição Evaristo, que utiliza da prática da escrevivência.⁵

Evaristo é uma escritora de grande destaque no cenário literário na contemporaneidade que, por meio da ficção, expõe a multiplicidade de características nos personagens negros/as a partir da verossimilhança. Tais personagens são pessoas que habitam as comunidades periféricas do Brasil, podendo, nesse sentido, considerar um ato político a literatura produzida pela autora.

O livro *Olhos d'água*, publicado pela primeira vez em 2014 pela editora Pallas, e que se encontra na décima quarta reimpressão (2020), foi vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015, prêmio concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Trata-se do quinto livro publicado pela autora e seu segundo livro de contos. *Olhos D'água* é composto por quinze contos e em todas as narrativas figuram personagens negros/as, sobretudo, mulheres negras. Em todos os contos, a temática do racismo é evidenciada nas desigualdades sociais, nas relações de gênero e de subjetividades e reafirma o protagonismo das personagens mulheres.

Este artigo é dividido em três partes, na primeira parte exploramos historicamente os conceitos sobre o feminismo decolonial, refletindo sobre as suas propostas; em seguida, analisaremos o conceito de Colonialidade de gênero cunhado por Maria Lugones (1944-2020); e, na última parte, analisaremos com as lentes das relações de gênero e do feminismo decolonial o conto *Quantos Filhos Natalina teve?*. Entendemos que a literatura produzida por Evaristo apresenta emoções e vivências que se expressam por meio da linguagem e dos sentimentos experienciados pela personagem Natalina- alguns com muita intensidade: “ficava com o coração cheio de ódio” (EVARISTO, 2012, p. 43). Possibilita-se, assim, que ocorra uma sensibilização das/os leitoras/es, ao longo da narrativa. Em seu livro, Corbin, Courtine e Vigarello ressaltam que

a emoção, em suas variantes históricas, em suas nuances, em suas versões, reflete primeiramente uma cultura e um tempo. Ela responde a um contexto, desposa um perfil de sensibilidade, traduz uma maneira de viver e de existir,

⁴ Utilizamos a frase da margem ao centro no sentido que bell hooks emprega em seu livro *Teoria Feminista Da Margem ao Centro*, onde afirma que, “Estar na margem é fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal”. (hooks, 2019, p. 23).

⁵ Segundo Conceição Evaristo, *Escrevivência* é a escrita produzida a partir das experiências e subjetividades da condição de mulher negra no Brasil (EVARISTO, 2020).

dependendo ela mesma de um ambiente preciso, singular que oriente o afeto e suas intensidades (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020, p. 12).

Ao longo da narrativa literária, Evaristo explora a emoção da personagem Natalina por meio de sentimentos como a vergonha e o ódio, os quais aparecem várias vezes ao longo do conto. A palavra vergonha aparece cinco vezes em ocasiões distintas, a emoção do ódio aparece quatro vezes, a raiva também é elencada em várias situações ao se referir ao momento da descoberta da gravidez, a vergonha e o ódio também figuram como emoções ocasionadas durante os períodos das gestações. Nesse sentido, as emoções da protagonista Natalina são aspectos do conto que nos remetem à historicidade das emoções: “As emoções são construções sociais, elas pertencem ao campo da investigação do historiador” (SARTRE, 2020, p. 27).

Além disso, compreendemos aspectos da literatura feminista decolonial na escrita da autora. Evaristo, em seus discursos proferidos em palestras e em entrevistas publicadas, sempre afirma a necessidade de divulgar a produção intelectual produzida por homens e mulheres negros/as e ressalta a relevância da autorrepresentação e da representação da mulher negra na literatura brasileira como produtora de conhecimento e como agente de transformação e de resistência. Para Soares (2012, p. 21), “a marca de uma escrita está sempre ligada ao momento histórico de seu produtor seja pela linguagem, escolha do cenário, estória, as formas de divulgação e as mensagens inscritas no texto”.

Dessa maneira, a obra de Evaristo em análise está situada na atualidade, no contexto histórico da pós-abolição; os personagens, o local onde se passa a narrativa, apresentam elementos que enfatizam a negligência dos governantes, dos políticos e da sociedade em relação à questão do racismo que estrutura as relações sociais. Sobre as escritoras negras, Evaristo afirma que “Essas escritoras buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder” (EVARISTO, 2005, p. 540). Ressaltamos que o sistema editorial brasileiro privilegia a publicação de obras literárias escritas por homens brancos e, em seguida, por mulheres brancas, perpetuando o cerceamento e promovendo a invisibilidade das obras produzidas por escritores/as negros/as.

Feminismo Decolonial: Outras Vozes

Para Alvarez (2004), os movimentos feministas brasileiros e latino-americanos podem ser caracterizados, atualmente, como um campo discursivo de ação; um campo expansivo, policêntrico, que abrange uma vasta variedade de arenas culturais, sociais e políticas. Nesse sentido, compreendemos que é urgente a visibilidade da multiplicidade dos feminismos, das

mulheres que são protagonistas na produção de conhecimentos situados, conhecimentos produzidos para além da matriz ocidental do poder.

O feminismo é reconhecido como uma revolução político-cultural que é produto da modernidade e do progresso da humanidade; um movimento produzido, desenvolvido e liderado pelas mulheres, cujas primeiras eclosões ocorrem na Europa, berço da civilização, e ressurgem com fôlego renovado em meados do século 20 nos Estados Unidos (potência imperial máxima), para, depois, se expandir pelo restante do mundo não ocidental (MIÑOSO, 2020, p. 4, grifo da autora).

De acordo com Alvarez (2004), uma das características dos movimentos feministas no Brasil e na América Latina é o processo de descentralização e pluralização dos feminismos, em outras palavras, “é a proliferação de novos discursos contestatórios sobre a dominação com base no gênero e a sua vinculação com outros vetores do poder e da discriminação” (ALVAREZ, 2004, p. 21). Mulheres do sul global, mulheres latino-americanas, formulam teorias sobre as formas de resistência e de edificação dos seus saberes, por meio do olhar crítico para o eurocentrismo e para a colonialidade do poder.⁶

O feminismo decolonial percorre, revisa e dialoga com o pensamento e as produções que vêm sendo desenvolvidas por pensadoras, intelectuais, ativistas e lutadoras, feministas ou não, de ascendência africana, indígena, mestiça popular, camponesa, imigrantes racializadas, bem como as acadêmicas brancas comprometidas com a subalternidade na América Latina e no mundo (MIÑOSO, 2020, p. 8).

Para Mignolo (2017), o alicerce desses campos centra-se no fundamento racial e patriarcal do conhecimento, o que acarretou a imposição de uma lógica cristã, branca, heteronormativa. Estabelecendo-se, assim, não apenas uma colonialidade do poder, mas também do ser e do saber por meio da regulação das formas de vida, sociedade e economia.

Nessa perspectiva, é fundamental questionar e problematizar as imposições da matriz colonial do poder mediante a visibilidade de conhecimentos, saberes e a literatura produzidas por mulheres negras. No conto *Quantos Filhos Natalina teve?*, Evaristo, retrata, ao longo de sua trama, uma grande pluralidade de características humanas em especial na figura feminina da protagonista, onde podemos reconhecer e identificar essas mesmas características em mulheres negras que residem nas grandes cidades. Portanto, a narrativa expõe as sociabilidades de mulheres em comunidades periféricas.

⁶ Quijano (2005) conceitua Colonialidade do Poder como sendo uma forma elaborada com a finalidade de estabelecer a dominação e exploração na constituição do sistema capitalista mundial de poder, diz respeito à classificação racial que foi estabelecida a partir do processo de colonização, em que o trabalho passou a ser racializado.

Para Miñoso (2020, p. 7), “O feminismo decolonial é um movimento em pleno crescimento e amadurecimento que proclama uma revisão da teoria e da proposta do feminismo, diante do que considera seu viés ocidental, branco e burguês”. Desse modo, devemos ‘descolonizar o conhecimento’ como evidencia Mignolo (2017), afinal os feminismos decoloniais⁷ são uma chave analítica de grande relevância para compreender as dinâmicas sociais e as desigualdades que afetam as mulheres em especial, mulheres latinas, mulheres negras. Desse modo, a obra de Evaristo representa, em certa medida, a sua posição de mulher negra, professora, seu lugar político na sociedade, que apresenta por meio da sua literatura denúncias sociais, a omissão do estado, a condição de subalternidade em que muitas mulheres e homens negros sobrevivem nos espaços periféricos, como as favelas.

Em relação ao alcance da literatura, Soares (2012, p. 22) ressalta que “Por meio do texto literário é possível repensar, portanto, a própria historicidade de seu autor, repensando tanto o movimento histórico vivido quanto recriando e imaginado”, ressaltando, sob essa ótica, as escritoras negras que não são contempladas pelo feminismo ocidental hegemônico.⁸ Para Carneiro (2020), o movimento feminista brasileiro, a partir das reivindicações e da atuação “das mulheres brancas feministas, embora denunciando os estereótipos que estigmatizam as mulheres socialmente, se eximiu da denúncia contundente sobre os aspectos em que tais estereótipos mantêm elementos de privilégio racial” (CARNEIRO, 2020, p. 51).

Segundo Kilomba (2019), o feminismo ocidental falhou em não reconhecer que o gênero afeta as mulheres de outros grupos racializados de formas diferentes das que atingem as mulheres brancas, tornando as mulheres negras invisíveis, o que em grande medida contribui para a manutenção do sistema de exploração racial. A partir desse local, faz-se urgente a proposta de um feminismo decolonial e plural. Nesse sentido, para a historiadora Françoise Vergès;

O feminismo decolonial radicalmente antirracista, anticapitalista, anti-imperialista. Um feminismo à escuta dos combatentes das mulheres mais exploradas, das empregadas domésticas, das profissionais do sexo, das queer, das trans, das migrantes, das refugiadas e daquelas para que o termo ‘mulher’ designa uma posição social e política, não estritamente biológica. (VERGÈS, 2020, p. 20, grifo da autora).

⁷ A diferença entre os termos descolonial e decolonial, para Santos, (2018, p. 3) “O decolonial seria a contraposição à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”, já que o termo descolonización é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais”.

⁸ Compreendemos como feminismo ocidental, hegemônico, os movimentos políticos e teóricos desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos a partir do século XIX. Esse feminismo privilegia, principalmente, a história das mulheres brancas, de classe média, educadas, entre outras marcações que acabaram por excluir grande parte das mulheres do Norte e Sul global como lésbicas, negras, trabalhadoras pobres, indígenas.

Dessa forma, refletir sobre os feminismos decoloniais por meio da literatura produzida por Conceição Evaristo, especificamente a partir do conto *Quantos filhos Natalina teve?*, é uma possibilidade de ampliar o nosso olhar e compressão em relação ao feminismo hegemônico, problematizando a exclusão das mulheres negras diante da criação da categoria mulher universalizada, desconsiderando, assim, os marcadores sociais, como raça e sexualidade. De acordo com Kilomba (2019), raça e gênero são conceitos conectados.

Nos discursos feministas ocidentais, o conceito dominante de ‘homem branco heterossexual’ tornou-se ‘mulher branca heterossexual’. Somente uma categoria mudou em oposição ao seu inverso de homem para mulher, mantendo sua estrutura racial conservadora: branca (KILOMBA, 2019, p. 97, grifo da autora).

Para Vergès (2020), os feminismos decoloniais fazem parte do amplo movimento que combate os epistemicídios.⁹ Em relação ao movimento de enfrentamento e ao mesmo tempo de resistência proposto pelos feminismos decoloniais, Vergès (2020) chama de justiça epistêmica o movimento de reivindicação de igualdade entre os conhecimentos e saberes e contesta as epistemologias impostas pelo Ocidente: “os feminismos de política decolonial se inscrevem no amplo movimento de reapropriação científica e filosófica que revisa a narrativa europeia do mundo” (VERGÉS, 2020, p. 39).

Evaristo evoca a sua própria ancestralidade quando descreve por meio dos personagens homens e mulheres negras/os em sua literatura, apresentando a religião de matriz africana, as tradições, crenças, a relação com a natureza, saberes outros, para além das religiões e costumes que não são legitimados pela sociedade. No prefácio do livro *Escritos de Uma vida*, da escritora e filósofa Sueli Carneiro (2020), Evaristo afirma que:

Para as mulheres em geral escrever se torna um ato político, para as mulheres negras publicar se converte em um ato político também. Podemos ainda ampliar o sentido político de escrever e publicar, acrescentando o ato de ler. Promover os nossos textos entre nós mesmas e, para além de nós, investigar uma bibliografia não conhecida ou não recepcionada como objeto científico, mas que nos informa a partir de nosso universo cultural negro, insistir em apreender as informações contidas na obra, são atos de leitura que se transformam em atos políticos (CARNEIRO, 2020, p. 7).

⁹ Utilizamos o termo epistemicídios a partir da definição da filósofa Sueli Carneiro que afirma, “ Conjunto de estratégias que terminam por abalar a capacidade cognitiva das pessoas negras, que conspiram sobre a nossa possibilidade de nos afirmarmos como sujeito de conhecimento, ou seja, todos os processos que reiteram que nós somos, por natureza, seres não muito humanos, e, portanto, não suficientemente dotados de racionalidade, capazes de produzir conhecimento e, sobretudo, ciência” (CARNEIRO, 2020, p. 8).

Nessa perspectiva, as feministas decoloniais compreendem a necessidade de desenvolver ferramentas autônomas e próprias para a difusão do conhecimento, por meio de blogs, filmes, exposições, festivais, aulas abertas, cursos, encontros, obras literárias como é o caso das escritoras negras, que promovem a circulação de narrativas com o objetivo de tornar conhecidos/as figuras históricas e anônimas que foram silenciadas ou retratadas de forma subjugadas em obras literárias escritas sob a perspectiva de homens e mulheres brancos. Sobre o livro de contos *Olhos d'água*, o pesquisador Adélcio de Sousa Cruz (2015) ressalta que:

Ter o passado histórico como “um pesadelo no cérebro dos vivos” parece ser o componente que salta das páginas de forma repentina, chegando a tirar o fôlego de quem lê. Estas narrativas, na forma breve do conto, foram possíveis justamente pela “transformação” diária de sua própria história feita pela comunidade. E mais, como é a história recente dos desdobramentos da diáspora africana no Brasil, operada pelo sistema escravista até que foi “oficialmente” concluído com a Abolição, em 1888. A “escrevivência” de Conceição Evaristo aponta, a partir de seu “brutalismo poético” a permanência e reatualização da violência do passado que atua, ainda, como pesadelo (CRUZ, 2015, p. 5, grifo do autor).

Sobre a importância da circulação do conhecimento produzido por mulheres negras, latinas, indígenas, Vergès (2020, p. 40) pontua que “a tradução de textos feministas provenientes do continente africano, do Caribe, da América do Sul e da Ásia em diversas línguas” é um trabalho fundamental para a ampliação dos saberes e conhecimentos produzidos em várias partes do mundo, de mulheres protagonistas que combatem o colonialismo.

Colonialidade do Gênero: Repensando Práticas

Para a socióloga Maria Lugones (1944 -2020), as sujeitas do sul global não são apenas vítimas de opressões, mas sim protagonistas de uma nova vida possível. No texto *Rumo ao Feminismo Decolonial* (2020) e no artigo *Colonialidade e Gênero* (2019), a autora nos apresenta modos de descolonizar e pensar estratégias de resistência de forma efetiva. Em ambos os textos, Lugones investiga e apresenta reflexões sobre a interseccionalidade¹⁰ entre raça, classe, gênero e sexualidade, inserindo-se dentro da tradição do pensamento de mulheres de cor,¹¹ que tem criado análises críticas do feminismo hegemônico. Lugones nos convida a pensar

¹⁰ Para Kimberlé Crenshaw (2002, p. 7), “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”.

¹¹ Mulheres de cor é um termo cunhado nos Estados Unidos por mulheres vítimas da dominação racial, de acordo com Lugones, “‘Mulheres de cor’ não propõe uma identidade que separa, e sim aponta uma coalizão orgânica entre mulheres, indígenas, mestiças, mulatas, negras, cheroquis, porto-riquenhas, siouxies, chicanas, mexicanas,

a cartografia do poder global a partir do seu conceito chamado sistema moderno colonial de gênero.

Caracterizar esse sistema de gênero como colonial/moderno, tanto de maneira geral como em sua concretude específica e vivida, nos permitirá ver a imposição colonial em sua real profundidade; nos permitirá estender e aprofundar historicamente o seu alcance destrutivo (LUGONES, 2020, p. 55).

Dessa maneira, Lugones complexifica o conceito de gênero a partir da colonialidade do poder, utilizando-se da categoria interseccionalidade. Para a autora, as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias de discriminação e opressão de gênero e discriminação e opressão racial. Nesse sentido, as feministas decoloniais buscam, em suas análises, evidenciar a intersecção das categorias raça e gênero. A interseccionalidade é vista, deste modo, como um desafio ao abordar “as diferenças na diferença”.

De acordo com Lugones (2020), o gênero é constituído e também constitui a colonialidade do poder. Nesse sentido, gênero é central para compreendermos a colonialidade de forma ampla em todas as suas facetas. Desse modo, ao mesmo tempo que os colonizadores impuseram o conceito de raça também foi implantado o sistema de gênero, que teve como um dos objetivos inferiorizar as mulheres com a cumplicidade dos homens que assumiram lugares de privilégio, o que carretou transformações na vida tribal. “O colonizador branco construía uma força interna nas tribos à medida que cooptava homens colonizados para ocupar papéis patriarcais” (LUGONES, 2020, p. 70). Nesse sentido, as colaborações entre homens indígenas e homens brancos foram fundamentais para solapar o poder das mulheres.

Lugones (2019) conceitualiza o sistema colonial moderno de gênero, destacando-o como um elemento central na desestabilização das relações tribais. Desse modo, para Lugones, a raça e o gênero são ficções poderosas que foram inventadas para reforçar a dominação permanente. Além da raça, gênero foi uma categoria central para o sucesso do processo de colonização, nesse sentido, é fundamental pensar gênero como elemento essencial na desintegração das relações comunais. Deste modo, Lugones compreende que a política da resistência reside na subjetividade e na intersubjetividade a partir das práticas individuais e de grupos coletivos.

Lugones (2019) concorda com Vergès (2020) ao propor uma reflexão sobre os feminismos anti- e/ou decoloniais, que são feminismos pautados na resistência e na

toda a trama complexa de vítimas da colonialidade do gênero. Articulando-se não enquanto vítimas, mas como protagonistas de um feminismo decolonial” (LUGONES, 2020, p. 80, grifo da autora).

possibilidade de se pensar soluções para problemas mediante intervenções com posicionalidade e levando em consideração as especificidades de cada realidade. Ela esclarece que os feminismos ocidentais surgidos do paradigma da igualdade de direitos, assim como outras teorias críticas que nasceram também a partir do Iluminismo, não contemplam todas as sujeitas.

Escritoras Negras Rompendo Fronteiras

Na mesma esteira de Lugones, Kilomba, Carneiro e Vergès, destacamos algumas pensadoras intelectuais que são referências expoentes na construção de possibilidades decoloniais a partir do feminismo, a saber: Audre Lorde,¹² Lélia Gonzalez,¹³ Julieta Paredes,¹⁴ Rita Segatto,¹⁵ bell hooks,¹⁶ Ângela Davis,¹⁷ Kimberley Crenshaw,¹⁸ Glória Anzaldúa,¹⁹ Patrícia Collins,²⁰ Djamila Ribeiro,²¹ Giovana Xavier,²² entre outras, sejam seus trabalhos de cunho literário ou teórico. Todas têm o foco na produção de novas epistemologias baseadas na localização de sujeitas produtoras de conhecimento a partir das suas subjetividades. Nesse sentido, inscrevem-se na proposta do feminismo decolonial e do feminismo negro.

Para Bozzano (2019), apesar da predominância do feminismo hegemônico, que teve a sua criação no berço da Europa, França e Inglaterra (branco, heterossexual), na América Latina,

¹² Audre Lorde, (1934 -1992) escritora, poeta, ativista e referência nas lutas feministas, LGBT, do movimento negro e pelos direitos civis. Destacamos o livro *Irmã Outsider*. (LORDE, 2019).

¹³ Lelia Gonzalez, (1935- 1994) Filósofa, antropóloga, professora, escritora, militante do movimento negro e feminista. Destacamos o livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, que contém vários textos produzidos pela autora, é um livro lançado em 2020 e organizado pela historiadora Flávia Rios e Márcia Lima (RIOS; LIMA, 2020).

¹⁴ Julieta Paredes Carvajal, poeta aimará boliviana, cantora e compositora, escritora, grafiteira e ativista feminista descolonial. Destacamos o livro *Pensamento Feminista Hoje: perspectiva decolonial*, que contém um capítulo escrito por Paredes, intitulado, *Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental*. CARVAJAL, Julieta Paredes. *Uma ruptura epistemológica com o feminismo revisitados* (HOLLANDA, 2020, p. 194-204).

¹⁵ Rita Segato, antropóloga e feminista, seus estudos versam sobre comunidades latino-americanas, sobre violência de gênero e as relações entre gênero, racismo e colonialidade. Destacamos o livro *Las estructuras elementales de la violencia*, lançado no ano 2000. (SEGATO, 2003).

¹⁶ bell hooks, escritora, professora, teórica feminista, artista e ativista social. Destacamos o livro *Teoria feminista: Da margem ao centro* (hooks, 2019).

¹⁷ Angela Davis, escritora, professora e filósofa. Entre a sua vasta obra, destacamos o livro 'Uma autobiografia'. (DAVIS, 2019).

¹⁸ Kimberley Crenshaw, professora, advogada, ativista social. Destacamos o artigo, 'Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero' publicado na Revista Estudos Feministas em 2002. (CRENSHAW, 2002, p. 171-188).

¹⁹ Glória Anzaldúa, (1942- 2004), escritora e teórica feminista. Destacamos o texto *A consciência de la mestiza/Rumo a uma nova consciência*, que compõe o livro organizado pela Heloisa Buarque de Hollanda, *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*, publicado em 2019. (ANZALDÚA, In: HOLLANDA, 2019. p. 323-339).

²⁰ Patrícia Collins. Socióloga, escritora, professora sua obra versa sobre o feminismo negro, destacamos o livro, *Pensamento Feminista Negro*. Lançado no Brasil em 2019 (COLLINS, 2019).

²¹ Djamila Ribeiro e filósofa, feminista, professora, escritora. Destacamos o livro, *Quem tem medo do Feminismo Negro* (RIBEIRO, 2018).

²² Giovana Xavier, professora, escritora, feminista. Destacamos o livro, *Você Pode Substituir Mulheres Negras Como Objeto de Estudo por Mulheres Negras Contando Sua Própria História* (XAVIER, 2019).

na última década, ocorreu um aumento da produção de contra narrativas e que várias ativistas, escritoras, intelectuais, vêm trabalhando outras formas de corporeidade onde o sexo e o gênero são categorias imbricadas com classe, raça, religião e capacidades.

Em relação aos movimentos feministas organizados que começaram a confrontar a agenda feminista ‘branca’, podemos citar, no Brasil, o movimento feminista negro que segue bem atuante combatendo as estruturas racistas. Como exemplo, citamos o trabalho da historiadora, escritora e professora universitária Giovana Xavier, que fundou na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o grupo Intelectuais Negras e desenvolve projetos sociais nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Xavier possui uma obra intitulada *Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de pesquisa por Mulheres Negras contando sua própria história*. Neste livro, Xavier (2019) explana sobre a importância de produzirmos, no âmbito da academia, novas epistemologias a partir de saberes e lugares de falas das intelectuais negras, que foram invisibilizadas pela historiografia. A autora ainda afirma que temos que ler obras de escritoras negras, cujos livros são pouco divulgados em comparação com a produção intelectual de escritoras e escritores brancas/os. Em relação aos espaços acadêmicos, Kilomba pontua que

Nossas vozes graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. De ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de violência (KILOMBA, 2019, p. 51, grifo da autora).

A invisibilidade da produção de mulheres negras deve ser problematizada, pois ocorre de forma intencional. Trata-se de um mecanismo, uma das facetas do racismo estrutural que a sociedade brasileira produz e reproduz. Kilomba (2019, p. 108) reforça que “o movimento e a teoria de mulheres negras têm tido, nesse sentido, um papel central no desenvolvimento de uma crítica pós-moderna, oferecendo uma nova perspectiva a debates contemporâneos sobre gênero e pós-colonialismo”. Em relação à literatura brasileira produzida por mulheres negras, Evaristo afirma:

as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da

escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54, grifo da autora).

O conto selecionado para análise, *Quantos filhos Natalina teve?*, e que ocupa nove páginas do livro *Olhos D'Água*, possui um título instigante, pois nos faz refletir sobre as emoções, a experiência da maternidade, e ainda acerca da concepção de família na nossa sociedade, afinal, “Ser mãe e ser pai são construções subjetivas muito centrais nas construções de gênero de nossas sociedades” (WOLFF, 2015, p. 980). A protagonista da narrativa chama-se Natalina e se trata de uma mulher negra, jovem, retratada em situações de medo, alegria, raiva, força, ódio e coragem. A narrativa é permeada por elementos de resistência, reflete sobre o estabelecimento de vínculos afetivos, relações de poder e demonstra como as mulheres negras estão mais expostas à violência urbana. O espaço urbano em que habita a personagem é representado por áreas periféricas da cidade, especificamente a favela, o morro e a moradia, que é um barraco. Ao longo da narrativa é ressaltada a condição de despossuída de bens financeiros. Em um primeiro momento, Natalina reside com a mãe, o pai e as seis irmãs e, após se descobrir gestante, para fugir da parteira que se acreditava comer crianças, sai da casa dos pais sem avisar e, sem destino traçado, ela foge, com o objetivo de escapar das mãos da parteira Sá Praxedes.

A temática principal da narrativa é a maternidade, o corpo feminino. A maternidade é retratada na contramão da construção social do mito da maternidade,²³ e da idealização do ato de se tornar mãe, no espaço da narrativa.

A esse respeito, Evangelista destaca:

A maternidade, ainda que seja um desejo e projeto de muitas mulheres, não é seu único fim. Mesmo assim, a longa duração nos coloca frente a concepções ainda pautadas na ideia de que uma mulher só alcança a plenitude quando se torna mãe (EVANGELISTA, 2017, p. 128).

Natalina teve quatro gestações e em diversos momentos do texto ela evidencia o desconforto, a infelicidade de estar grávida. “As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio” (EVARISTO, 2016. p. 43).

Desse modo, “o caráter espontâneo da emoção provoca um inevitável conflito com a norma social, política ou religiosa impostas pela sociedade” (SARTRE, 2020, p. 30). Não é

²³ Compreendemos o mito da maternidade, a partir da definição da pesquisadora Marcela Boni Evangelista (2017, p. 139) que afirma: “Todas as mulheres, em qualquer condição social, psicológica ou de saúde, nasceram para ser mães. Sendo esta sua função primordial para o bom andamento da sociedade, naturalmente desejam a maternidade, a qual deve sempre ser encarada como dádiva”.

esperado que uma gestante sinta vergonha e ódio, ao descobrir uma gravidez, as emoções esperadas são alegria, gratidão pela oportunidade de gerar um filho/a. Nesse sentido, Evaristo demonstra uma posição que engendra representações contrárias às regras da sociedade brasileira. Para Meyer e Schwengber, o conceito de maternidade é histórico, pois,

Na cultura ocidental, ser mãe remete, ao mesmo tempo, para uma etapa e um estado específico da vida feminina que envolve a gestação, o parto e a lactação e, também, cuidados anteriores e posteriores ao parto; estes últimos constituem um conjunto de sentimentos e de ações de longo prazo, dentre os quais se destaca a maternagem que envolve, sobretudo, amar, criar e educar as crianças geradas (MEYER; SCHWENGBER, 2019. p. 495).

A primeira gravidez de Natalina ocorreu aos treze anos de idade; ela engravidara do primeiro amigo e namorado, Bilico. Ao ser perguntada pela mãe sobre ela querer ou não ter o filho, Natalina responde que “não queria. Que a mãe perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai. Que fizesse segredo até de Bilico. Ela estava com ódio e vergonha” (EVARISTO, 2016, p. 44).

Evaristo aborda o tema do direito ao próprio corpo, que é uma das reivindicações defendidas pelo movimento feminista, o direito de escolher gerar uma vida dentro do seu útero ou interrompê-la mediante aborto. No Brasil, a partir de 1980, “O Movimento Feminista assumiu publicamente a questão do aborto, sendo objeto de estudos, publicações e mobilizações das organizações feministas” (SAMPAIO, 2019, p. 24). A temática da maternidade é tratada por Evaristo como uma questão de escolha.

A legalização do aborto é uma das pautas reivindicadas pelo movimento feminista, de modo que a decisão de ser mãe deve ser exclusiva da mulher e não uma decisão do Estado. No Brasil, a prática da interrupção da gestação é considerada crime de acordo com o Código Penal de 1940. O discurso acerca da livre decisão das mulheres sobre as escolhas em relação ao próprio corpo é latente na narrativa de Evaristo. A antropóloga Débora Diniz enfatiza:

O tema do aborto se cruza com o do planejamento reprodutivo, mas principalmente com ideias sociais sobre a maternidade e o feminino. Mas, diferentemente de outras mudanças no campo reprodutivo, como as tecnologias reprodutivas ou a pílula do dia seguinte, o aborto se mantém escondido sob um manto de silêncio e tabu (DINIZ, 2012, p. 323).

A narrativa é apresentada de uma forma prática e cotidiana do uso de chás abortivos, com o objetivo de interromper a gravidez. Natalina começa a tomar os chás, utilizados pela mãe e pelas vizinhas, mostrando que era uma prática entre as mulheres da comunidade. Natalina escutava a mãe contando para as vizinhas “- Ei, fulana, o troço desceu! – E soltava uma

gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte” (EVARISTO, 2016, p. 44). Para Evangelista (2017, p. 134), “o aborto é prática utilizada desde os tempos mais remotos como recurso para o controle do número de filhos e seu estatuto sofreu diversas transformações ao longo do tempo em diferentes contextos”.

Natalina começa, então, a tomar os chás, porém não fazem o efeito esperado. No conto, também é retratada a precarização e a falta de planejamento familiar: ela possui seis irmãs, como mais velha, cuida das irmãs em casa enquanto o pai e a mãe trabalham fora. A preocupação da mãe da Natalina é expressa no trecho: “Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças” (EVARISTO, 2016, p. 44).

De acordo com Sampaio (2019, p. 21), “Falar abertamente sobre aborto é enfrentar as políticas de controle sobre o corpo feminino. Esta política, ao dominar, determinar e disciplinar os corpos com úteros impõe a gravidez como realização”. Desta forma, compreendemos que Evaristo expõe e problematiza, por meio de sua literatura, questões históricas fundamentais para a autonomia das mulheres.

Com a ineficiência dos chás, a mãe de Natalina resolve levá-la à casa da parteira Sá Praxedes, que no imaginário das crianças era uma figura de medo e terror, afinal “Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles” (EVARISTO, 2016, p. 45). Com medo da visita à casa da parteira, Natalina decide fugir para bem longe, assim que a mãe sai para o trabalho, “para a cozinha de madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia” (EVARISTO, 2016, p. 45). Ressaltamos o trecho, em que a narradora diz “para a cozinha de madame” porque entendemos que a mãe de Natalina trabalha como empregada doméstica na casa de uma família abastada, o que reforça o trabalho destinado às mulheres negras. Nesse sentido, Vergès afirma:

Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços e desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma interseção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que as empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo de mulheres racializadas (VERGÈS, 2020, p. 18, grifo da autora).

Dessa maneira, o trabalho exercido pela mãe de Natalina é, posteriormente, o trabalho desempenhado também pela própria Natalina, que reverbera a realidade tão presente no cotidiano brasileiro exposto por Vergè (2020). Seguindo com a trama da narrativa, Natalina foge para ter o filho longe de casa, já no hospital onde o parto é realizado, doa o bebê para uma enfermeira, “Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital!” (EVARISTO, 2016, p. 45).

Chamamos a atenção para fato de que Natalina exerce a sua sexualidade de forma livre, dona de si, sem amarras sociais. A segunda gravidez também não era desejada, e o sentimento que aparece com frequência na narrativa é vergonha e ódio. O seu parceiro, pai do segundo filho, Tonho ficou radiante ao saber que seria pai e poderia formar uma família com Natalina.

O moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz (EVARISTO, 2016, p. 46).

Neste ponto, fica exposto que Natalina não idealiza e almejava ter uma família tradicional, com marido, filho; ela escolhe viver de forma livre, desconstruindo, assim, o modelo tradicional de felicidade em viver em família com o compromisso de um casamento. Nesse sentido, ela se nega a exercer a função de mãe, cuidadora do lar e responsável pelo bem-estar da família. Ela recusa essa construção familiar.

Na terceira gestação, o corpo de Natalina é usado, uma espécie de barriga de aluguel para gerar um filho para os patrões, mas não foi propriamente uma barriga de aluguel contratada para tal finalidade, pois Natalina não recebeu dinheiro por ter gerado um filho para os patrões, e “Os três buscavam a gravidez durante meses e meses” (EVARISTO, 2016, p. 47). Natalina era contratada como empregada doméstica, pelo casal, e foi convencida a gerar um filho sem custos para os patrões. Fica evidenciada, então, a hierarquia social, pois Natalina, na condição de empregada doméstica, é persuadida a gerar um filho para os seus patrões.

Mesmo sem querer engravidar, ela foi convencida a aceitar o sacrifício, pelo incômodo que era estar grávida, e durante toda a gestação sentia muita náusea e ânsia de vômito: “O esforço para vomitar era tão grande que trazia lágrimas aos olhos de Natalina. Ela aproveitou para, silenciosamente, chorar um pouco” (EVARISTO, 2016, p. 48). Os patrões de Natalina, assim que o bebê nasceu, mandaram ela embora, já não era mais necessária e “para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois” (EVARISTO, 2016, p. 48).

Em relação às transformações que ocorrem em cada período e ao contexto histórico sobre o exercício da maternidade, Meyer e Schwengber (2019, p. 499) ressaltam: “As maternidades são significadas politicamente no interior de uma série de discursos e saberes que as normatizam e definem, e não como experiências sem história, associadas a uma ideia biológica, considerada como natural do feminino”.

Desse modo, a experiência da maternidade vivenciada por Natalina difere da idealização construída sobre a maternidade que permeia o imaginário da sociedade, onde o papel da mulher está necessariamente ligado à vontade de ser mãe: “poucos se preocupam em problematizar a questão e adentrar o universo das mulheres-mães para conhecer, enfim, a sua interpretação acerca deste papel social” (EVANGELISTA, 2007, p. 127).

Na quarta gravidez, pela primeira vez, Natalina desejava o filho, estava feliz, era a sua quarta gestação, porém seu primeiro filho de fato, “Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não” (EVARISTO, 2016, p. 43). Essa gravidez foi concebida a partir de uma violência sexual, um estupro, que ocorreu durante a madrugada.

Queria relembrar o caminho percorrido pelo carro. Um caminho que, por mais que se esforçasse, não conseguiria retomar e reconhecer nunca. Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente ao seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, pai e as seis irmãs. Os homens insistiram. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade (EVARISTO, 2016, p. 49).

Então, ela é levada de carro pelos dois homens até um local deserto fora da estrada, um matagal e é violentada sexualmente, o homem retira a venda dos olhos de Natalina, mas por conta do escuridão não consegue ver o rosto do algoz. Entretanto, ao tentar se afastar do corpo dele no chão, encosta na arma e rapidamente mira e atira:

O tiro foi certo e tão rápido próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada (EVARISTO, 2016, p. 50).

Nesta última parte do conto, Evaristo expõe a frequente violência à qual estão expostas as mulheres, em específico as mulheres negras, periféricas.

Alguns meses depois do ocorrido, descobre-se grávida e pela primeira vez fica feliz com a constatação. Ela sente afeto pelo neném no ventre, sentimento experienciado apenas na quarta gestação. Tal fato marca um recomeço na vida de Natalina, uma ressignificação dos sentimentos de ódio e de vergonha tão presentes ao longo da narrativa; sua perspectiva em relação a sua

própria vida é modificada através desse filho e de sua coragem. Natalina se empodera a partir dessa gestação e, para Lorde (2019, p. 212), “Se empoderar é o trabalho político mais profundo que existe, e o mais difícil”. Nesse sentido, Natalina é uma mulher negra, resiliente e corajosa, assim como inúmeras mulheres negras periféricas que enfrentam as normas sociais, resistindo, protestando e lutando para sobreviver.

Considerações Finais

A literatura produzida por Conceição Evaristo, tanto sob o ponto de vista histórico quanto sob a perspectiva dos estudos das relações de gênero subsidiam propostas para a produção de novas epistemologias e proposições do feminismo decolonial e feminismo negro. Refletir sobre a gama de possibilidades que os feminismos decoloniais e feminismo negro nos apresentam é de grande importância, pois a resistência, o enfrentamento das ideias hegemônicas é um exercício árduo que requer criatividade e determinação para produzirmos epistemologias outras, problematizando as normas sociais vigentes e os papéis de gênero a partir do nosso lugar de fala. “A naturalização dos papéis sociais de gênero mostra parâmetros para os comportamentos, de modo que aqueles que não se enquadram no modelo são entendidos como aberrações, ou seja, algo não natural” (EVANGELISTA, 2017, p. 139).

Assim, a literatura funciona como um portal para acessarmos personagens com subjetividades e emoções múltiplas, histórias e culturas, em contextos diferentes dos experienciados pelo/a leitor/a. Sobre a subjetividade e a consciência das desigualdades sociais latentes na sociedade brasileira, Evaristo afirma: “a consciência [...] compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2005, p. 2). É por meio da ficção que a autora combate as representações fixas sobre as pessoas negras e, ao mesmo tempo, busca romper com as narrativas hegemônicas sobre os personagens negros/as que figuram na literatura brasileira, que é uma representação sempre estereotipada produzida pelo grupo historicamente privilegiado que são os/as autores/as brancos/as.

Em contraponto com a literatura produzida por escritores e escritoras brancas, que ainda são maioria no mercado editorial brasileiro, e sobre a importância da literatura produzida por mulheres negras, Evaristo afirma:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela

cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2005, p. 2).

É importante problematizar a colonialidade do gênero e realizar o exercício de descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento e da produção das estratégias de enfrentamento face aos problemas gerados pelo racismo, pela desigualdade de gênero, bem como a produção de saberes contra hegemônicos. Conceição Evaristo, por meio de sua escrita sensível e profunda, produz obras literárias de grande importância ao invocar sua ancestralidade na ficção, sem dúvida, somando-se à literatura produzida por outras escritoras negras, de forma política, e, dessa forma, combatendo o sistema colonial moderno de gênero teorizado por Lugones (2019).

Na escre (vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas (EVARISTO, 2005, p. 54).

O mercado editorial, nos últimos anos, tem se interessado em publicar obras de autoras negras. Entretanto, essa pequena abertura é insipiente, sendo necessária a realização de ações educativas nas escolas, nas universidades e nos meios de comunicação para que a hegemonia de escritores homens e brancos seguidos das escritoras brancas seja modificada em relação ao mercado editorial para que reflita, por conseguinte, nos acervos das bibliotecas a fim de que a democratização da leitura seja efetivamente implementada com a representatividade de escritoras negras.

Desse modo, temos que traçar estratégias para combater e superar as opressões aniquiladoras que solapam os conhecimentos produzidos por mulheres para além do norte global. Fica o desafio de promovermos os espaços alternativos da produção de epistemologias para a “construção de uma sociedade multirracial e multicultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não como inferioridade” (CARNEIRO, 2019, p. 320).

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, Sonia E. A política e o político na tessitura dos movimentos feministas no Brasil e na América Latina. In: GONÇALVES, Eliane (org.). **Desigualdades de gênero no Brasil: reflexões e experiências**. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, 2004, p. 15-32.
- ANZALDÚA, Gloria. La consciência de la mestiza/Rumo a uma consciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 323-339.

BOZZANO, Caroline Betemps. Feminismos Transnacionais descoloniais: algumas questões em torno da colonialidade nos feminismos. **Revista Estudos Feministas**. [online] v. 27, n. 15, 2019. Disponível em : < <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158972>. Acessado em: 28 maio. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, SUELI. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 313-321.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo revisitados. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.). **Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 194-204.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Introdução Geral. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO (orgs.). **História das Emoções: I Da Antiguidade às Luzes**. Tradutor Francisco Morás. Petropolis: RJ: Vozes, 2020. p. 9-18.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. [online] n. 10, 2002, p. 171-188. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Acessado em: 11 maio. 2021.

CRUZ, Adélcio de Sousa. Revelações de Olhos d'água. O TEMPO, Belo Horizonte, 5 abr. 2015. **Caderno Magazine**, p. 5. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/70-conceicao-evaristo-revelacoes-de-olhos-d-agua>>. Acessado em: 19 maio. 2021.

DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

DINIZ, Debora. Três gerações de Mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 331-332.

EVANGELISTA, Marcela Boni. Ser mãe ou não ser: Afinal, qual é a questão? A história oral desvelando o mito do amor materno. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. (org.). **História oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos**. São Paulo: Letra e Voz, 2017. p. 125-141.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. São Paulo: Editora Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Revista Z cultural**. Rio de Janeiro. ano xv. ago. 2005. p. 1-3. Disponível em: < <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>>. Acessado em 8 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**. set. 2005. p. 52-57. Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>>. Acessado em 7 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras. **Portal deliteratura afro-brasileira: literafro**. maio. 2009. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acessado em: 4 jun. de 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**. [s.l.], 6 fev. 2020. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal **Leituras Brasileiras**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acessado em: 9 jun. 2020.

hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 357-377.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, p. 52- 83.

MEYER, Dagmar Estermann; SCHWENGBER, Maria Simone. Maternidade. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. São Paulo: Editora UFGD, 2019. p. 495 - 499.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acessado em: 9 jun. 2021.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. **Masp**, 2020. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgwydI1C.pdf>. Acessado em: 2 jan. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SAMPAIO, Paula Faustino. Aborto. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. São Paulo: Editora UFGD, 2019, p. 21-25.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade* [online]. v.30, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>>. Acessado em: 32 out. 2021.

SARTRE, Maurice. Os Gregos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO (orgs.). **História das Emoções: I Da Antiguidade às Luzes**. Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 23- 84.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e História em José de Alencar**. Bauru, SP: Edusc, 2012.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo:Ubu Editora, 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe. Pedacos de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. v. 23, n. 3, p. 975-989, dez. 2015. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000300975&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 18 maio 2021.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.